



Em Setembro de 1954, à terceira jornada do campeonato, uma goleada dos leões no Jamor relegou os portistas para o 14.º lugar, com um ponto

"No estádio do Jamor, cuja relva se apresentava cortada em faixas longitudinais, dando um belo aspecto e oferecendo ao espectador um convite mudo mas insistente a dar uns pontapés na bola, cerca de 30 mil pessoas assistiram a um espectáculo triste, não obstante a beleza da tarde outonal, em que a orquestra sportinguista executou, em todos os tons, a marcha fúnebre que acompanhou à última morada uma grande equipa, o FC Porto. Dir-se-ia, de facto, que aquilo esteve longe de ser uma luta desportiva, porque não houve luta, mas sim uma missa de *requiem* por alma de um conjunto cujas tradições estão gravadas indelevelmente no historial desportivo português. É lamentável, mas a verdade obriga a dizer e a contar o encadeamento dos factos, tais quais eles decorreram, lenta e cruelmente, para onze dos jogadores em campo e - é curioso acentuar - para todos os espectadores, especialmente para a maioria deles, a puxar pelos leões."

É assim que o "Jornal de Notícias", do Porto, abre a crónica de jogo do Sporting-FC Porto de 26 de Setembro de 1954. A orquestra do Sporting foi executada por Carlos Gomes, Caldeira, Pacheco, Janos, Passos, Juca, Galileu, Vasques, Martins, Travaços e Albano, que, ao longo dos 90 minutos, "correram muito mais" do que os portistas, que interpretaram a marcha fúnebre, através de intérpretes da craveira de Barrigana, Virgílio, Osvaldo, Porcel, Sarmento, Eleutério, Carlos Duarte, Hernâni, Teixeira, José Maria e Carlos Vieira. No apito, Curinha de Sousa, de Portalegre, de quem ninguém apontou um defeito que fosse.

Com a relva cortada em faixas longitudinais, o Sporting cedo demonstrou ao que ia, com golos de Galileu (que não o Galilei) e Martins, aos oito e aos 32 minutos. Na segunda parte, outro festival de "ataque ao primeiro toque" e "desnorte do FC Porto", só salvo pelo pontapé de Teixeira (67") numa jogada de insistência de Virgílio, o Leão de Génova, assim alcunhado pela imprensa italiana pelo seu espírito combativo e never-say-die após um particular entre Itália e Portugal. Mas o FC Porto só jogou com um leão, o Sporting com 11. Um hat trick de Vasques

(60", 65" e 82") avolumou o triunfo categórico dos verde-e-brancos, que já sonhavam com o pentacampeonato, decidido na última ronda mas a favor do arqui-rival Benfica numa final de cortar a respiração, porque o Belenenses já festejava o seu segundo título nacional quando Martins (Sporting) fez o 2-2 nas Salésias. Por essa altura, o FC Porto andava tranquilo, no quarto lugar, afastado que estava o espectro da descida de divisão que pairou nas Antas com aqueles 5-1 no Jamor. Nessa tarde, à terceira jornada, o FC Porto subiu o país de comboio mas desceu ao último lugar, empatado com o Sp. Covilhã, ambos com um só ponto.

In ionline.pt